



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

HOMOFOBIA E ADOLESCÊNCIA: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

KELYANE OLIVEIRA DE SOUSA

DALILA XAVIER DE FRANÇA

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

RESUMO Foi realizada uma revisão sistemática de literatura a partir de artigos científicos que abordem a questão da homofobia e que tenham como público alvo adolescentes, publicados entre os anos de 2012 a maio de 2016. Para tanto, foi realizada uma pesquisa eletrônica em três bases de dados científicos: PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, SciELO - *Scientific Electronic Library Online* e *Science Direct*. A análise dos artigos foi feita a partir da verificação dos dados metodológicos e dos conteúdos das publicações. Com relação aos métodos utilizados nas pesquisas, foram observados o uso de poucos instrumentos de pesquisas específicos para o tema e a amostra que incluíam adultos jovens. Sobre os conteúdos, foram encontrados resultados acerca da homofobia e diferença entre os gêneros, fatores sócio demográficos, violência homofóbica e sobre as consequências dessa violência. Palavras-chave: Homofobia, adolescência, diversidade sexual. **ABSTRACT** A systematic review of literature was conducted from scientific articles that address the issue of homophobia and have as target adolescents, published between 2012-2016. An electronic survey in three scientific databases was performed: PePSIC - Periodicals Electronic Psychology, SciELO - Scientific Electronic Library Online and Science Direct. The analysis of articles was made from the verification of data and methodological content of publications. Regarding the methods used in the research were observed using a few specific research tools for the subject and the sample included young adults. About contents results found about homophobia and gender differences, socio-demographic factors, homophobic violence and the consequences of such violence. Keywords: Homophobia, adolescence, sexual diversity.

1. INTRODUÇÃO O preconceito contra pessoas LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e

transexuais – é um fenômeno em evidência na sociedade contemporânea. Enquanto outros tipos de preconceito, como o racial, que ao longo dos anos passaram a ter um caráter sutil, velado, pela norma social vigente, a qual estabelece que os indivíduos não devem ser preconceituosos e que a igualdade e o respeito devem prevalecer, o preconceito contra pessoas de diferentes orientações sexuais ainda é manifestado de forma bastante clara e evidente, justamente porque a norma social com relação à sexualidade que rege atualmente a sociedade em que vivemos é a da heteronormatividade. O termo heteronormatividade é baseado na cultura heterossexual que rege o modo de se portar na sociedade contemporânea. Nesse cenário, tudo o que se refere à vivência afetiva e sexual e que foge a esse padrão é desqualificado e se torna alvo de preconceito e discriminação. Também estão inclusos aqui os papéis de gênero impostos pela sociedade que, devido à falta de flexibilidade, acabam por proporcionar a criação de estereótipos de poder vinculados ao homem, principalmente aos heterossexuais, em detrimento das mulheres e a tudo o que diz respeito ao universo feminino (BORRILLO, 2009; SCHWARTZ; LINDLEY, 2009). Segundo Borges e Meyer (2008), esse é mais um aspecto de vulnerabilidade para a homofobia, pois existe uma hierarquia de valores que produz reações mais ou menos violentas de acordo com o comportamento de gênero que é socialmente esperado. Partindo dessa concepção, os casais homossexuais são mais aceitos se os parceiros se comportarem de acordo com as expectativas de gênero do seu sexo e sem manifestações de afeto em público (BORGES; MEYER, 2008). Para Junqueira (2009), essa relação entre a homofobia e normas de gênero se expressa em concepções, crenças, valores, atitudes, mecanismos discriminatórios e hierarquias opressivas e evidencia que a homofobia pode atingir qualquer indivíduo que não se encaixe nas representações impostas ao gênero masculino e feminino. Devido a aspectos de uma cultura onde a norma social vigente é a da heterossexualidade, o preconceito contra a diversidade sexual, aqui chamado de homofobia, se apresenta como um sério problema da sociedade, com demandas emergentes que surgem com a necessidade de transformação do cenário de intolerância e violência para com os indivíduos LGBT. O termo homofobia foi inicialmente utilizado para definir os sentimentos negativos como aversão, desprezo, ódio, desconforto e medo, em relação aos homossexuais (WEINBERG, 1972). Porém, para Junqueira (2012), o emprego desse termo precisa ser utilizado de forma cuidadosa, pois quando a relação deste é feita com a homossexualidade, pode transmitir a sensação de não incluir nas vítimas da homofobia os transgêneros, transexuais e travestis. Dessa forma, é necessário afirmar que a homofobia a qual esse estudo se refere está relacionada com o conceito estabelecido por Herek (2000) que afirma que a homofobia se caracteriza pelo preconceito contra homossexuais e todos os indivíduos com identidades sexuais ou de gênero que destoam da norma heterossexual. Então, o preconceito sexual, é caracterizado por atitudes negativas contra grupos ou indivíduos de diferentes identidades sexuais e de gênero distintas das normas heterossexuais (SOUZA, 2015). O preconceito pode ser definido como “uma atitude hostil

ou negativa com relação a determinado grupo” (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 1999, p.162). Para a psicologia social, o preconceito tem como base cognitiva o estereótipo, que são crenças pessoais atribuídas a outros indivíduos e grupos que geralmente referem-se a atributos – traços de personalidade – ou comportamentos. Além disso, este fenômeno é formado ainda por componentes afetivos, os sentimentos negativos, e componentes comportamentais, as ações (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 1999). As atitudes e ações advindas de estereótipos e preconceitos podem, muitas vezes, ter como consequência a violência contra grupos minoritários. Nesse sentido Borges e Meyer (2008) afirmam que os comportamentos homofóbicos abrangem todas as formas de violência, como a violência física, incluindo também assassinatos, a violência psicológica e também a violência simbólica, onde se admite, por exemplo, que não gostaria de ter um aluno ou um colega homossexual. O relatório mais recente sobre a violência homofóbica no Brasil, do ano de 2012, traz dados de 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT. Nesse registro consta que a grande maioria das vítimas desse tipo de preconceito (61,16%) é da população jovem, entre 15 e 29 anos. Também se incluem nessa faixa etária os suspeitos de praticarem a violência que, excluindo os casos em que não foi informado tal dado (43,68%), totaliza-se 27,07%. Além disso, 58,90% dos denunciadores da violência conheciam o suspeito. Esse mesmo relatório aponta ainda o estado de Sergipe como estando em 17º lugar no *ranking* de denúncias de violência homofóbica no país (BRASIL, 2012). A partir de tais dados, é possível fazer uma reflexão da intensidade da violência que os indivíduos LGBT sofrem na sociedade contemporânea. Além disso, é preciso refletir também que esse cenário, na realidade, pode ser ainda pior, considerando o número de violências que não são relatadas, ou ainda, o quantitativo de subnotificações das denúncias. Como referido no próprio relatório citado, as subnotificações dos dados relacionados a esse tipo de violência são altas, já que muitas vezes há uma naturalização da violência ou a autoculpabilização dos sujeitos. Dessa forma, é sabido que os números reais de violência sofrida pela população LGBT é muito maior do que os que constam nos dados oficiais do poder público (BRASIL, 2012). Além disso, chama a atenção os dados relativos à faixa etária. A homofobia é um fenômeno que atinge qualquer pessoa que destoe na norma da heterossexualidade, porém é preciso entender de que forma ela pode impactar nos diferentes sujeitos. Nesse sentido, faz-se aqui a relação com a etapa de vida da adolescência, foco o presente estudo, pois essa é uma fase do desenvolvimento humano crucial para a formação de identidade e para o aprendizado de crenças e atitudes baseados na cultura e nos valores da sociedade em que se vive. Nessa fase, transformações não somente físicas, mas também emocionais e sociais, podem gerar mudanças na maneira como esse indivíduo se relaciona com a família, amigos e companheiros e, principalmente, na forma como ele mesmo se percebe como ser humano (CERQUEIRA-SANTOS; MELO NETO; KOLLER, 2014). Esta é uma fase caracterizada por diversidades e contradições em virtude de vários motivos como classe social, etnias, gêneros,

dentre outros, o que influencia diretamente no modo de pensar dos adolescentes (ARPINI, 2003; GROppo, 2000). Assim, segundo Schwartz e Lindley (2009), Matthews e Adams (2008) e Murta, Del Prette e Del Prette (2010) a homofobia, assim como o sexismo e o heterossexismo, na adolescência impactam negativamente na saúde, no desenvolvimento dos indivíduos e suas relações interpessoais. A dificuldade em lidar com a hostilidade contra a diversidade de identidades sexuais e de gênero vem impactando na socialização e na saúde mental dos adolescentes e trazendo à tona muitas dificuldades para lidar com questões que acabam por se revelar em situações de evasão, reprovação e fracasso escolar, sintomas depressivos, ideações suicidas e consumo nocivo de álcool (LIMA, 2012; ORTIZ-HERNANDEZ; VALENCIA-VALERO, 2015; ROSIN-PINOLA, 2009). Os estudos sobre homofobia na adolescência têm associado esse fenômeno a diversos fatores como: *bullying* escolar com conteúdo homofóbico (SOUZA, 2013); dificuldades e problemas vinculados à sexualidade e homofobia vivenciadas por professores (BORGES; MEYER, 2008); desafios da escola em se trabalhar com a diversidade (LIMA, 2012); percepção de autoridades, professores e alunos, sobre a homofobia no contexto escolar (CHINAGLIA; DÍAZ, 2011); problemas em saúde mental causados pela vitimização da homofobia (ORTIZ-HERNANDEZ; VALENCIA-VALERO, 2015); risco de suicídio que pessoas com distintas orientações sexuais sofrem (ROA, 2013). Apesar das pesquisas citadas, poucos pesquisadores abordam a homofobia propriamente dita, relacionada com jovens e adolescentes. É possível observar que a maioria das pesquisas citam a homofobia como sendo a principal causadora de distúrbios de saúde mental e problemas de bem-estar em adolescentes, no entanto, poucas estudam esse fenômeno claramente como seu objeto de estudo. A homofobia é um problema social e, portanto, tem havido um aumento da disposição e na sensibilidade para tratar desse fenômeno a partir de uma visão mais crítica com relação à sua reprodução e ao seu modo de enfrentamento (JUNQUEIRA, 2012). Nessa perspectiva, dada a importância que a fase da adolescência tem para o desenvolvimento social e cognitivo do ser humano e os impactos que a homofobia pode causar nos adolescentes, surge a demanda de conhecer melhor esse fenômeno nessa fase específica da vida, não somente pelo viés de quem sofre a homofobia, mas também no sentido de saber se os jovens da atualidade têm tido atitudes discriminatórias e preconceituosas com pessoas que fogem à norma da heterossexualidade. Dessa maneira, a revisão sistemática da literatura na área justifica-se pela necessidade de reunir os dados publicados referentes ao assunto para que esse conhecimento acerca do fenômeno seja disseminado de forma mais objetiva com vistas a novas pesquisas que gerem formas de enfrentamento e combate à homofobia, novas ferramentas para os profissionais que lidam com pessoas que sofreram e que têm atitudes discriminatórias, principalmente as violentas, e ainda, identificar lacunas nos estudos atuais. Para tanto, o presente estudo se propõe a realizar uma revisão sistemática de artigos científicos que abordem a questão da homofobia entre adolescentes publicados entre os anos de 2012 a maio de 2016, a partir da análise dos

dados metodológicos e dos conteúdos das publicações. Para isso, será realizada uma análise de conteúdo das publicações encontradas.

1. MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de pesquisa eletrônica em três bases de dados científicos: PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia, SciELO - *Scientific Electronic Library Online* e *Science Direct*. A consulta foi realizada no mês de maio de 2016 a partir dos descritores 'homofobia' ('*homophobia*') e 'adolescentes' ('*adolescents*') e preconceito sexual ('*sexual prejudice*') e 'adolescentes' ('*adolescentes*'). Os termos foram escolhidos para abarcar publicações que tratassem do fenômeno do preconceito homofóbico tendo como público-alvo adolescentes. Além disso, foram utilizados os termos em português e em inglês para incluir também artigos internacionais. Nessa primeira etapa, foi incluído também o refinamento da pesquisa nos bancos de dados alusivo ao ano de publicação. Para esse estudo, foram selecionados artigos publicados a partir do ano de 2012 até o mês de maio de 2016. Esse recorte foi estabelecido para que fosse possível reunir as publicações mais recentes acerca do assunto. Após a obtenção dos resultados do levantamento de todos os artigos encontrados nas três bases de dados, foram excluídos os artigos repetidos. Em seguida, foi feita uma seleção a partir do título da publicação e dos seus respectivos resumos na busca de estudos que se enquadrassem nos critérios de inclusão estabelecidos, que foram: artigos que descrevessem pesquisas empíricas, que tivessem o objetivo voltado para o estudo da homofobia e ter como amostra adolescentes e adultos jovens. Sobre os artigos baseados em pesquisas empíricas, esse foi um critério estabelecido com o objetivo de focar em resultados de estudos que envolvessem amostras relacionadas à faixa etária foco da presente pesquisa. Assim, estudos que se caracterizavam como revisão de literatura foram excluídos. Com relação à amostra de adultos jovens, que incluiu o recorte da faixa etária de 12 a 24 anos, essa foi incluída pois, após observar os artigos internacionais selecionados, foi verificado que grande parte deles não faz distinção entre as fases de vida adolescência e idade adulta. Dessa forma, se tais artigos fossem excluídos, seria muito difícil manter um número razoável de documentos para esta pesquisa. A pesquisa no banco de dados *SciELO* resultou na identificação de 10 artigos, dos quais 1 foi eliminado por ser repetido e 4 foram descartados por não se encontrarem dentro dos critérios de inclusão. Na plataforma *PePSIC* foram encontrados apenas 2 artigos dos quais, após a análise dos critérios de inclusão, restou apenas um. Já na base de dados *Science Direct*, foram gerados 139 resultados dos quais 105 foram descartados por não se encaixarem nos critérios estabelecidos, 10 por serem resumos de congressos, 10 por fornecerem apenas o resumo da pesquisa, 2 correspondiam à editoriais de revistas e 5 por se tratar de revisões de literatura. Dessa forma, após essa etapa de filtragem dos artigos encontrados, foram selecionados para essa pesquisa 13 artigos que atendiam aos critérios de inclusão. Desses, 5 foram da plataforma *SciELO*, 1 da *PePSIC* e 7 da *Science Direct*.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados a seguir têm

como base a análise dos 13 artigos selecionados para esta pesquisa. Para um melhor entendimento da análise, esta será relatada primeiramente a partir dos dados metodológicos, seguidos pelos dados dos conteúdos dos artigos científicos. **3.1. ANÁLISE DOS MÉTODOS**

3.1.1. Amostra Com relação à amostra das pesquisas, foram encontrados participantes com idades que variaram de 10 a 25 anos, fato que nos levou a considerar os adultos jovens para efeito dessa pesquisa. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece a faixa etária dessa fase da vida como sendo dos 12 aos 18 anos. Em contrapartida, a Organização Mundial de Saúde (OMS), refere a idade do adolescente como sendo dos 10 aos 19 anos, faixa etária estratégica para planejar ações em saúde. Esse dado permite realizar a reflexão sobre o que é, de fato, adolescência. Quando observamos pesquisas que se referem à essa fase da vida, incluindo a palavra “adolescentes” (‘adolecents’) em seus descritores, é possível verificar que diversos pesquisadores têm levado em consideração uma faixa etária maior do que as estabelecidas pelos órgãos oficiais citados (CÉNAT et al., 2015; RAMPULLO et al., 2013; NGUYEN E BLUM, 2014) que, foram chamados, nesse estudo, de adultos jovens, que compreende os indivíduos maiores de 19 anos e que foram inclusos nas amostras das pesquisas encontradas. Todas as pesquisas analisadas tiveram como característica da amostra a população de estudantes, seja do ensino fundamental ou médio, o que mostra que indivíduos mais velhos, que ultrapassam as faixas etárias estabelecidas para a adolescência, ainda frequentam a escola e que, portanto, ainda pertencem ao universo do adolescente, vivenciando as problemáticas típicas dessa fase de vida, independentemente da idade. Tal dado vai ao encontro às afirmativas de Cerqueira-Santos, Neto e Koller (2014) ao fazerem uma reflexão sobre o que é a adolescência e referirem que uma definição baseada apenas em parâmetros numéricos é frágil, pois o ser humano, independente da sua idade, está em constante processo de mudança. Nessa direção, é possível verificar que a adolescência deve ser estudada e trabalhada no campo prático a partir de uma perspectiva sócio cultural e não baseada somente na faixa etária dos indivíduos pesquisados. Mesmo os sujeitos sendo mais velhos, ainda frequentam a escola e ainda têm como contexto de vida o universo considerado adolescente, incluindo aí suas relações sociais. Tal dado merece destaque pelo entendimento das demandas da vida desses sujeitos que são diferentes dos demais, já que estão numa fase flutuante entre a vida adulta propriamente dita e a adolescência.

3.1.2. Instrumentos Sobre os instrumentos utilizados nas pesquisas, 2 pesquisas utilizaram a entrevista semiestruturada, dando aos estudos característica qualitativa,

enquanto todas as outras 11 utilizaram questionários e escalas e apresentaram dados quantitativos. Dessas últimas, apenas 3 pesquisas utilizaram instrumentos específicos que mensuram a homofobia da população estudada. Os instrumentos foram: Escala de Homofobia Manifesta e Sutil, Escala de Homofobia Moderna e Questionário de Atitudes frente a Lésbicas e Gays. Além desses, um outro estudo fez uso da Escala de Experiências Traumáticas Escolares em Estudantes, com a proposta de coletar dados sobre a vitimização da homofobia dos sujeitos. As outras 8 pesquisas fizeram uso de questionários próprios, feitos pelos pesquisadores para a coleta de dados com vistas aos seus objetivos específicos. Esse dado encontrado mediante a análise dos artigos pode indicar certo nível de fragilidade dos dados, visto que instrumentos validados podem trazer maior confiabilidade para os dados de pesquisas empíricas. Outra possibilidade é o fato de ainda não estarem disponíveis, ou com acesso facilitado, muitos instrumentos que mensurem a homofobia e, principalmente que seja voltado para a população jovem. Como afirmam Costa, Bandeira e Nardi (2015), o preconceito é fortemente relacionado com a cultura do país. No Brasil, a homofobia é especificamente relacionada com expressões de gênero que destoam do predominantemente esperado. Visto isso, são necessárias ferramentas com boas evidências de validade e confiabilidade e, principalmente, adaptados à cultura. No Brasil existem algumas escalas validadas como a Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays (GATO; FONTAINE; LEME, 2014), a Escala de Crenças sobre Comportamentos de Homossexuais (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2007) e a Escala de Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero (COSTA; BANDEIRA; NARDI, 2015). Dessa forma, não diminuindo a importâncias dos dados obtidos nas pesquisas analisada, é preciso reconhecer a importância do uso de instrumentos específicos e validados para a cultura da amostra estudada. Esse procedimento pode gerar dados mais fidedignos que possam contribuir melhor para o entendimento social e científico desse fenômeno. **3.2. Análise de Conteúdo** O conteúdo dos artigos empíricos desta revisão foi classificado em quatro categorias: homofobia e gênero, fatores sócio demográficos da homofobia, violência homofóbica e consequências da homofobia. Essa classificação foi feita baseada no conteúdo dos resultados dos artigos analisados. Tais fatores foram apresentados pelos pesquisadores como sendo correlacionados com a homofobia.

3.2.1. Homofobia e Gênero Parte dos artigos revisados (30,8%, $n = 4$) fazem referência às diferenças de gênero quanto à manifestação da homofobia. As pesquisas mostram que os sujeitos do sexo masculino apresentam um maior nível de homofobia do que os do sexo feminino. Além disso, as mulheres se sentem mais confortáveis no convívio com casais homossexuais e são mais favoráveis às políticas voltadas aos

direitos dos sujeitos com essa orientação sexual. Entretanto, a pesquisa de Castro et al. (2013), apresenta um dado interessante em relação ao sexo. Apesar dos homens em geral apresentarem um nível de homofobia mais elevado, quando essa análise é feita separadamente entre os grupos – homens e mulheres – os resultados encontrados são que ambos sentem mais preconceito com os homossexuais do seu sexo. Ou seja, os homens são mais preconceituosos com os homossexuais do sexo masculino, enquanto as mulheres são mais preconceituosas com os homossexuais do sexo feminino. Esse aspecto de diferenciação também foi encontrado na pesquisa de Rampullo et al. (2013), que observaram diferenças de gênero em relação ao preconceito sexual e apreensão de contato. Nesse estudo, os homens apresentaram uma maior apreensão de contato com os homossexuais do sexo masculino, enquanto as mulheres tiveram uma maior apreensão de contato em relação aos homossexuais do sexo feminino. Entretanto, tal direcionamento contraria os achados de Cerqueira-Santos et al. (2007), que indicam que as mulheres heterossexuais possuem menos preconceito sexual, principalmente em relação às lésbicas. Essa contradição pode ser explicada pelo próprio argumento dos autores que, ao contextualizarem a pesquisa à cultura brasileira, afirmam que os homens no Brasil temem ser vistos como não masculinos ao se relacionarem com pessoas não heterossexuais. A partir desses dados é possível perceber que a homofobia se manifesta de forma diferente entre homens e mulheres, aspecto que vai ao encontro da afirmação de Herek (2000) ao afirmar que homens são pessoas mais preconceituosas sexualmente. Os homens apresentam um nível de homofobia maior, com menor tolerância aos casais homossexuais e a políticas alusivas aos direitos LGBT.

3.2.2.Fatores sócio-demográficos Essa categoria foi estabelecida, pois uma parte significativa dos artigos (38,5%, n = 5) relaciona a homofobia com fatores como o ambiente, a escolaridade e o nível sócio-econômico. Com relação ao ambiente, as pesquisas apontam que a homofobia entre jovens ocorre não só no ambiente escolar, a partir da experiência do *bullying* homofóbico, mas também no ambiente familiar e comunitário. Com relação à comunidade, a literatura aponta que, quanto mais conservadora for a sociedade em que o jovem está inserido, mais intolerante ela será com a homossexualidade. Valores como sexo antes do casamento e importância dada ao matrimônio são fatores preditivos da homofobia (NGUYEN; BLUM, 2014). Já a escolaridade e o nível sócio econômico são relacionados de maneira positiva com a homossexualidade. Ou seja, jovens com maiores status econômico e de escolaridade são mais susceptíveis a terem uma visão mais positiva da homossexualidade. Esse fato ocorre, segundo Feng et al. (2012), pois esses adolescentes podem ter uma maior exposição a diferentes normas e valores sociais, especialmente em relação à orientação

sexual e, assim, são mais propensos a entrarem em contato com povos que têm uma variedade de estilo de vida e ideias de mundo além dos deles.

3.2.3. Violência homofóbica A violência homofóbica sofrida pelos adolescentes é abordada em várias pesquisas (46,1%, $n = 6$). Esse tipo de violência inclui diversas formas de manifestação: verbal, física, psicológica e sexual (NATARELLI et al., 2015). No caso de adolescentes, existe uma peculiaridade na manifestação da violência homofóbica que é a expressão de poder. Por se tratarem de indivíduos jovens, que têm suas vidas regidas por relações de hierarquias (pais, professores etc.) essa característica se apresenta de forma intensa, já que os adolescentes são expostos a punições, com vistas a mudanças no comportamento e na orientação sexual (NATARELLI et al., 2015; TEIXEIRA et al., 2012). Nesse cenário é possível destacar a aparência física e os trejeitos, responsáveis, segundo os pesquisadores, por boa parte da violência verbal e psicológica vivenciada pelos jovens. Nesta, tanto os adultos (pais, professores e comunidade) quanto os pares são responsáveis pela agressão ao dispararem apelidos, xingamentos e gozações contra aqueles que não seguem o padrão de comportamento esperado para o seu gênero (NATARELLI et al., 2015; SOUZA; SILVA; FARO, 2015). Esse tipo de violência engloba insultos, gozações, comentários inadequados sobre a sexualidade, ridicularização, espalhamento de rumores, recebimento de apelidos indesejados, fatos que acabam por gerar o isolamento social desses sujeitos (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015). A partir desse contexto é possível perceber como os adolescentes homossexuais sofrem por não corresponderem às expectativas de gênero e se comportarem de maneira diferente da maioria. Eles são agredidos e sentem medo de serem rejeitados pelas pessoas mais importantes das suas vidas. Por isso, costumam levar suas vidas na invisibilidade, se declarando heterossexuais e mantendo relações afetivas/sexuais com pessoas do mesmo sexo às escondidas (TEIXEIRA et al., 2012). Tais achados estão de acordo com o referido por Cerqueira-Santos e DeSouza (2011) ao tratarem a violência homofóbica como um fenômeno que perpassa a própria família de origem. Assim, as pessoas que pertencem às minorias sexuais vivem suas sexualidades de forma secreta, marginalizada, ameaçadas de rejeição. Para os autores, os indivíduos que se comportam de acordo com seus papéis de gênero, são mais aceitos pelas famílias do que aqueles que destoam das normas sociais tradicionais. Diante dos aspectos apresentados, é possível perceber que a vitimização da violência é bastante grave entre jovens homossexuais e causadora de muito sofrimento. Além disso, ela é a origem de uma séria de problemas psicológicos, físicos e sociais que serão discutidos a seguir.

3.2.4. Consequências da homofobia As consequências da vitimização pela homofobia são muitas e bastante variadas. Dos artigos analisados nesse estudo 7 (53,9%) indicam efeitos nocivos desse tipo de preconceito na vida dos adolescentes como episódios de depressão e ansiedade, problemas com o autocuidado, isolamento social, problemas de saúde mental e física e problemas de autoestima e auto percepção. Além disso, 4 (57,1%) desses 7 estudos relatam também a ideação suicida como uma consequência da homofobia. De acordo com a análise de relatos de adolescentes, Natarelli et al. (2015) afirmam que o impacto da homofobia na saúde mental, incluindo nessa classe as ideações suicidas, indicam sofrimento psíquico que tem origem nos episódios de homofobia vivenciados. Nesse quadro estão contidos os comportamentos depressivos, ansiedade e medo excessivos e a internalização da violência. Com relação a esses últimos, os autores afirmam que, tal internalização leva à modificação na maneira de pensar e agir de quem a sofre, causando impacto também na adoção de hábitos saudáveis e no autocuidado como ações inadequadas relativas a alimentação, atividade física e padrões de sono levando a manifestação de sintomas somáticos como vômitos, desmaios, dores de cabeça e no estômago. Outra consequência da violência homofóbica é o isolamento social. Jovens que fazem parte dos grupos de minorias sexuais, podem, por conta da hostilidade sofrida, ter dificuldades de interagir em grupos de pares causando problemas com a aceitação social e, conseqüentemente, problemas com autoconfiança. Além disso, no que tange ao contexto escolar, tal fato pode levar ao sentimento de não pertencimento à escola. Isso porque, os adolescentes podem vir a demonstrar insegurança à medida que pensam que não podem contar com os professores nas situações de vitimização homofóbica. Esse sentimento de insegurança leva também ao baixo envolvimento com a escola e, portanto, também ao baixo desempenho escolar (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2015; SEELMAN et al., 2015). Sobre as experiências escolares ruins, a pesquisa de Albuquerque e Williams (2015), aponta que jovens de minorias sexuais, após sofrerem tais experiências, apresentaram sintomas de depressão, desesperança, hipervigilância, evitação, dissociação, (re)experenciação do trauma, somatização comportamento opositivo e desajustamento geral da saúde mental. Além disso, mesmo após alguns anos após a saída da escola, algumas pessoas ainda apresentaram escores clinicamente significativos para Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT). Dentre os fatores observados nas pesquisas que foram relacionados com as consequências que a homofobia pode causar na vida dos adolescentes, é possível constatar a partir de uma perspectiva mais ampla, que o impacto da experiência do preconceito homofóbico é negativo para qualquer pessoa, em qualquer cultura, já que os efeitos nocivos citados pelas pesquisas se

repetem independente de qual país elas tenham sido feitas. Essa verificação é importante ao passo que é possível constatar que a manifestação da homofobia, o impacto e as consequências de quem é vítima dela são, de forma geral, as mesmas em todo o mundo. Essa característica pode servir como fundamento para a elaboração de estratégias de combate e enfrentamento, como no caso do uso do treinamento das habilidades sociais para tal finalidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS A análise sistemática da literatura sobre adolescentes e a homofobia proporcionou a verificação dos aspectos que vêm sendo relacionados entre esses dois constructos. Foi possível constatar que características sociais e demográficas como sexo do indivíduo, status econômico, nível de escolaridade e ambiente em que o indivíduo está inserido influenciam de forma direta na manifestação da homofobia. Além disso, a violência gerada por esse tipo de preconceito engloba todas as formas de manifestações possíveis como a física, psicológica e verbal. Para os adolescentes, a violência relacionada com a homofobia a que estes estão vulneráveis ainda é relacionada com a expressão de poder exercida pelos membros da família. Decorrente disso, as consequências advindas nesse cenário de preconceito são de diversas ordens e de diversos níveis, incluindo nos achados a ideação suicida, aspecto mais alarmante. Além disso, a vulnerabilidade à homofobia, principalmente ao que concerne ao contexto escolar, ou seja, o *bullying* homofóbico, tem seu conteúdo preconceituoso e violento mais relacionado com a manifestação de comportamentos contraditórios ao gênero do que à orientação sexual propriamente dita. Nesse sentido a escola pode agir tanto como agente agravante como atenuador pela influência que possui na formação de identidade dos adolescentes. A pesquisa apresenta algumas limitações como a quantidade de plataformas pesquisadas e a restrição do período de publicação dos artigos. Apesar de estarem inclusas plataformas importantes, outras bases de dados podem ser inseridas em estudos futuros como a base de periódicos da CAPES, por exemplo, assim como outras pesquisas podem abarcar um período maior de publicações. Sugere-se também que novas pesquisas abordem não somente as características do preconceito, mas formas também formas de o combater. Acredita-se que esse estudo possibilite ideias para pesquisas que abarquem não somente revisões de literatura mais ampliadas, mas também novos estudos empíricos que tenham como foco principalmente estratégias de combater esse tipo de preconceito entre adolescentes que abordem ferramentas sociais com vista à sua redução, contribuindo assim, para o desenvolvimento do conhecimento do fenômeno do preconceito homofóbico possibilitando estratégias que modifiquem o cenário de preconceito na sociedade.

REFERÊNCIAS ALBUQUERQUE, P., P.; WILLIAMS, L., C., A. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências.

Temas em Psicologia, v. 23, n. 3, 663-676, 2015. BRASIL. (1990). **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). (2012). **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012**. Brasília, DF. BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas para a Educação**, v. 16, n. 58, 59-76, 2008. CASTRO, Y., R.; FERNANDEZ, M., L.; FERNANDEZ, V., C.; MEDINA, P., V. Validación de la Escala de Homofobia Moderna en una muestra de adolescentes. **Anales de Psicología**, v. 29, n. 2, 523-533, 2013. CÉNAT et al. Correlates of bullying in Quebec high school students: The vulnerability of sexual-minority youth. **Journal of Affective Disorders**, v. 183, 315-321, 2015. CERQUEIRA-SANTOS, E.; MELO NETO, O., C.; KHOLLER, S. H. Adolescentes e adolescências. In L. F. Habigzang, E. Diniz, & S. H. Kholler (Orgs.), **Trabalhando com adolescentes** (pp. 17-29). Porto Alegre, RS: Artmed, 2014. CERQUEIRA-SANTOS, E., et al. Contato interpessoal e crenças sobre homossexualidade: desenvolvimento de uma escala. **Interação em Psicologia**, v. 11, n. 2, 221-229, 2007. CHINAGLIA, M.; DÍAZ, J. (coord). **Projeto Escola sem Homofobia** (Relatório de Pesquisa/2011). Campinas, SP. Reprolatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva, 2011. COSTA, A.B.; BANDEIRA, D., R.; NARDI, H. C. Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. **Estudos de Psicologia**, v. 32, n. 2, 163-172, 2015. FENG, Y. et al. Adolescents' and young adults' perception of homosexuality and related factors in three Asian cities. **Journal of Adolescent Health**, v. 50, 52-60, 2012. GATO, J.; FONTAINE, A. M.; LEME, V. B. R. Validação e Adaptação Transcultural da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 2, 2014. HEREK, G. M. The psychology of sexual prejudice. **Current Directions of Psychological Science**, v. 9, 2000. JUNQUEIRA, R. D. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direito. In: T. Lionço & D. Diniz (orgs.). **Homofobia e Educação um desafio ao silêncio** (pp. 161-193). Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009. KONISHI, C.; SAEWYC, E.; HOMMA, Y.; POON, C.. Population-level evaluation of school-based interventions to prevent problem substance use among gay, lesbian and bisexual adolescents in Canada. **Preventive Medicine**, v. 57, 2013. LIMA, J. R. de. O desafio da escola em trabalhar com a diversidade. **Revista Memento**, v. 3, n. 1, 2012. NATARELLI, T., R., P., et al. O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery: Revista de enfermagem*, v. 19, n. 4, 2015. NGUYEN, T., Q.; BLUM, R., W. Homosexuality tolerance among male and female

vietnamese youth: an examination of traditional sexual values, self-esteem, and demographic/contextual characteristics. **Journal of Adolescent Health**, v. 55, 2014.

ORTIZ-HERNANDEZ, L.; VALENCIA-VALERO, R. G. Desigualdades em saúde mental associada com a orientação sexual em adolescentes mexicanos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 2, 2015.

PINOLA, A. R. R. **Programa de habilidades sociais educativas: impacto sobre o repertório de professores e de alunos com necessidades educacionais especiais** (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP, Brasil, 2009.

RAMPULLO, A.; CASTIGLIONE, C.; LICCIARDELLO, O.; SCOLLA, V. Prejudice toward gay men and lesbians in relation to crossgroup friendship and gender. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 84, 2013.

ROA, C. A. O. Factores asociados con riesgo de suicidio de adolescentes y jóvenes autoidentificados como lesbianas, gays y bisexuales: estado actual de la literatura. **Revista Colombiana de Psiquiatria**, v. 42, n. 4, 2013.

ROGRIGUES, A.; ASSMAR, E., M., L.; JABONSKLI, B. **Psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RODRIGUES, L., GRAVE, R., OLIVEIRA, J., M.; NOGUEIRA, C. (no prelo). Study on homophobic bullying in Portugal using Multiple Correspondence Analysis (MCA). **Revista Latinoamericana de Psicología**. 2016.

SEELMAN, K., L.; FORGE, N.; WALLS, N., E.; BRIDGES, N. School engagement among LGBTQ high school students: The roles of safe adults and gay-straight alliance characteristics. **Children and Youth Services Review**, v. 57, 2015.

SOUZA, E. DE J. **Diversidade sexual e homofobia na escola: representações sociais de educadores/as da educação básica** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil, 2015.

SOUZA, J., M.; SILVA, J. P.; FARO, A. (2015). Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 2, 2015.

SOUZA, J. M. **Bullying: uma das faces do preconceito homofóbico entre jovens no contexto escolar** (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil, 2013.

TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES, A., O. (2015). Experiências homossexuais de adolescentes: considerações para o atendimento em saúde. **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, v. 19, n. 55, 2015.

TeixeIRA, F., S.; RONDINI, M.; MENDES, A., B.; SANTOS, E. N. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 1, 2012.

REFERÊNCIAS ALBUQUERQUE, P., P.; WILLIAMS, L., C., A. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, 663-676, 2015.

BRASIL. (1990). **Estatuto da criança e do adolescente: Lei**

federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). (2012). **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012**. Brasília, DF. BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas para a Educação**, v. 16, n. 58, 59-76, 2008. CASTRO, Y., R; FERNANDEZ, M., L; FERNANDEZ, V., C.; MEDINA, P., V. Validación de la Escala de Homofobia Moderna en una muestra de adolescentes. **Anales de Psicología**, v. 29, n. 2, 523-533, 2013. CÉNAT et al. Correlates of bullying in Quebec high school students: The vulnerability of sexual-minority youth. **Journal of Affective Disorders**, v. 183, 315-321, 2015. CERQUEIRA-SANTOS, E.; MELO NETO, O., C.; KHOLLER, S. H. Adolescentes e adolescências. In L. F. Habigzang, E. Diniz, & S. H. Kholler (Orgs.), **Trabalhando com adolescentes** (pp. 17-29). Porto Alegre, RS: Artmed, 2014. CERQUEIRA-SANTOS, E., et al. Contato interpessoal e crenças sobre homossexualidade: desenvolvimento de uma escala. **Interação em Psicologia**, v. 11, n. 2, 221-229, 2007. CHINAGLIA, M.; DÍAZ, J. (coord). **Projeto Escola sem Homofobia** (Relatório de Pesquisa/2011). Campinas, SP. Reprolatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva, 2011. COSTA, A.B.; BANDEIRA, D., R.; NARDI, H. C. Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. **Estudos de Psicologia**, v. 32, n. 2, 163-172, 2015. FENG, Y. et al. Adolescents' and young adults' perception of homosexuality and related factors in three Asian cities. **Journal of Adolescent Health**, v. 50, 52-60, 2012. GATO, J.; FONTAINE, A. M.; LEME, V. B. R. Validação e Adaptação Transcultural da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n. 2, 2014. HEREK, G. M. The psychology of sexual prejudice. **Current Directions of Psychological Science**, v. 9, 2000. JUNQUEIRA, R. D. Políticas de educação para a diversidade sexual: escola como lugar de direito. In: T. Lionço & D. Diniz (orgs.). **Homofobia e Educação um desafio ao silêncio** (pp. 161-193). Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009. KONISHI, C.; SAEWYC, E.; HOMMA, Y.; Poon, C.. Population-level evaluation of school-based interventions to prevent problem substance use among gay, lesbian and bisexual adolescents in Canada. **Preventive Medicine**, v. 57, 2013. LIMA, J. R. de. O desafio da escola em trabalhar com a diversidade. **Revista Memento**, v. 3, n. 1, 2012. NATARELLI, T., R., P., et al. O impacto da homofobia na saúde do adolescente. Escola Anna Nery: Revista de enfermagem, v. 19, n. 4, 2015. NGUYEN, T., Q.; BLUM, R., W. Homosexuality tolerance among male and female vietnamese youth: an examination of traditional sexual values, self-esteem, and demographic/contextual characteristics. **Journal of**

Adolescent Health, v. 55, 2014. ORTIZ-HERNANDEZ, L.; VALENCIA-VALERO, R. G. Desigualdades em saúde mental associada com a orientação sexual em adolescentes mexicanos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 2, 2015. PINOLA, A. R. R. **Programa de habilidades sociais educativas: impacto sobre o repertório de professores e de alunos com necessidades educacionais especiais** (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP, Brasil, 2009. RAMPULLO, A.; CASTIGLIONE, C.; LICCIARDELLO, O.; SCOLLA, V. Prejudice toward gay men and lesbians in relation to crossgroup friendship and gender. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 84, 2013. ROA, C. A. O. Factores asociados con riesgo de suicidio de adolescentes y jóvenes autoidentificados como lesbianas, gays y bisexuales: estado actual de la literatura. **Revista Colombiana de Psiquiatria**, v. 42, n. 4, 2013. ROGRIGUES, A.; ASSMAR, E., M., L.; JABONSKLI, B. **Psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. RODRIGUES, L., GRAVE, R., OLIVEIRA, J., M.; NOGUEIRA, C. (no prelo). Study on homophobic bullying in Portugal using Multiple Correspondence Analysis (MCA). **Revista Latinoamericana de Psicología**. 2016. SEELMAN, K., L.; FORGE, N.; WALLS, N., E.; BRIDGES, N. School engagement among LGBTQ high school students: The roles of safe adults and gay-straight alliance characteristics. **Children and Youth Services Review**, v. 57, 2015. SOUZA, E. DE J. **Diversidade sexual e homofobia na escola: representações sociais de educadores/as da educação básica** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil, 2015. SOUZA, J., M.; SILVA, J. P.; FARO, A. (2015). Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 2, 2015. SOUZA, J. M. **Bullying: uma das faces do preconceito homofóbico entre jovens no contexto escolar** (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil, 2013. TAQUETTE, S. R.; RODRIGUES, A., O. (2015). Experiências homossexuais de adolescentes: considerações para o atendimento em saúde. **Interface: Comunicação, Saúde e Educação**, v. 19, n. 55, 2015. TEIXEIRA, F., S.; RONDINI, M.; MENDES, A., B.; SANTOS, E. N. Homofobia e sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 1, 2012.

*Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, Especialista em Saúde Coletiva pela Secretaria Municipal de Saúde de Aracaju/Ministério da Saúde/UNIT. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS.

Grupo de Pesquisa: Socialização das atitudes intergrupais – UFS. E-mail: kely.olliveira@hotmail.com

** Orientadora da Pesquisa. Doutora em Psicologia Social pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa - ISCTE, Portugal. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Grupo de Pesquisa: Socialização das atitudes intergrupais – UFS. Email: dalilafranca@uol.com

.br

.

Recebido em: 08/08/2016

Aprovado em: 09/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: